

POR QUE OS POETAS ESCREVEM

Alexandre Sugamoto e Silva ¹

*A princípio escrevia simplesmente
Para entreter o espírito.... Escrevia
Mais por impulso de idiossincrasia
Do que por uma propulsão consciente.*

Trecho de "Por que escrevo? ", de Augusto dos Anjos

Impulso, entretenimento - *poetry had value as recreation rather than as revelation* - ² dom, consciência social... afinal, por que os poetas escrevem? Quando buscamos as explicações dos próprios artífices sobre o tema, percebemos que as falas são bastante imprecisas e fugidias. Não é como se eles simplesmente não soubessem a resposta para essa pergunta simples, mas o próprio questionamento, na medida em que exige uma dose indesejada de autoconsciência, parece estar deslocado do universo mesmo da composição.

No entanto, essa dúvida - que pode, como todas as dúvidas, soar tola ou vazia de sentido - nos ajuda a descortinar as razões de ser do poema.

Começemos, pois, com o poeta que sintetizou em si a complexidade do vate.

Quando criança, Rimbaud compôs diversos poemas latinos para cumprir atividades escolares. *Ver Erat*, a mais interessante dessas obras primeiras, narra a aventura de um jovem que tenta fugir do regime tutelar do estudo e se deita perto de um verdejante rio. De repente, é abatido por uma visão: Febo aparece e grava em letras flamejantes: *TU SERÁS POETA*. ³ A cena imaginada pelo poeta francês tem dois detalhes interessantísimos: guarda semelhança com a iluminação súbita de santos e místicos orientais e também antecipa a famosa *Carta do Vidente* que

¹ Alexandre Sugamoto é bacharel em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina e especialista em metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira. Mestrando em Ciências da Religião (PUC-MG), tem realizado pesquisas nas áreas de teopoética, religião e literatura e ciências da linguagem religiosa. Professor de Ética Corporativa, Compliance e Filosofia Organizacional do ISAE-FGV e de "Evolução do pensar à luz da filosofia" no Master em Neuroestratégia e Pensamento Transversal, da ESIC. Já publicou em revistas, jornais e livros didáticos e é consultor nas áreas de Cultura, Educação, Comportamento Humano e Desenvolvimento de Equipes. Membro do corpo editorial da Revista ANANKE.

² Auden (The New York Review of Books, 23/10/1980)

³ Ou vate/vidente, a depender da tradução.

definirá o lugar transmutativo do poema na vida breve de Rimbaud: “a velharia poética entrava em boa parte na minha alquimia do verbo”.

Antes de partir para o exílio mais estranho da história da literatura, o jovem francês declarou ainda que o poeta verdadeiro é um ladrão de fogo e inscreveu a atividade poética naquela antiquíssima linhagem que tem em Prometeu seu patriarca. Qual seja a concepção final desse *místico em estado selvagem* que foi Rimbaud, a verdade é que o seu mutismo posterior nunca será explicado: cessou, afinal, a atividade divina? Ele perdeu o dom da vidência? Deixou de sonhar ou foi aniquilado pelo próprio fogo que havia raptado? ⁴

Ao menos simbolicamente, o gênio rimbaudiano previa que seu trabalho poético/profético cessaria envolto em uma bruma muito semelhante àquela que enredou o Rei Arthur; escreveu, então, o poema *Barco Ébrio* enquanto meditava em símbolos alquímicos e suas últimas palavras, segundo os biógrafos, foram: “*me digam a que horas vão me levar para o navio*”.

Partiu o vate da mobilidade máxima para a imobilidade absoluta e sua fuga nos indaga por que, afinal, escrevem os poetas. Longe da concepção sacra sobre o papel do poema, mora uma ideia de que a razão do poeta é o próprio trabalho. Daí os versos irônicos de Carlos Drummond de Andrade em *Oficina Irritada*:

*Eu quero compor um soneto duro
Como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
Seco, abafado, difícil de ler.*

*Quero que meu soneto, no futuro,
Não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
Ao mesmo tempo saiba ser, não ser.*

*Esse meu verbo antipático e impuro
Há de pungir, há de fazer sofrer,
Tendão de vênus sob o pedicuro.*

*Ninguém o lembrará: tiro no muro,
Cão mijando no caos, enquanto arcturo,
Claro enigma, se deixa surpreender.*

⁴ Em um poema inflamado, outro francês, Victor Hugo, usa uma dicção muito próxima daquela esboçada na Carta do Vidente: *Peuples! Écoutez le poète! Écoutez le rêveur sacré! Dans votre nuit, sans lui complète, Lui seul a le front éclairé* (“Povos! Escutai o poeta! Escutai o sonhador sagrado! Na vossa noite, sem ele completa, ele apenas tem a iluminada frente!”).

Contudo, há nessas linhas um elemento ainda não pensado: a quem o soneto duro fará sofrer? Para quem está dirigida essa maquinação doentia operada na oficina? Drummond não diz, mas está subentendido: chamar o poema de *tarefa*, e não de destino ou vocação, é destituí-lo de seu caráter sagrado/mágico. Afinal, toda tarefa precisa de um encarregado, alguém que possa executar a função. Dessa condição surge o operário da palavra, o Bartleby lírico, e com ele o fardo da composição que opera em suas próprias nuvens semânticas: desgaste, suor, labuta, mecânica. Ao contrário da *Todesfuge* de Celan, o poema mecânico, quase sempre representado pelo poeta parnasiano fazendo malabarismos com o dicionário, é um mergulho na morte e na cisão. Eliot, mesmo tendo sido bancário e levado uma vida rotineira, optou por singrar outros universos com seu *Waste Land*: a rotina e o tédio estão no poema ou no próprio poeta que o executa? Por acaso já escreveram os operários?

A vocação, por outro lado, mistifica seus eleitos. Os autores videntes - Rimbaud, Blake, Nerval, etc. - se tornam os profetas de uma religião sem Deus e pairam na bruma de um segredo só comunicável sob certas cifras. Mallarmé escreveu pouco, mas seus alunos e admiradores diziam que *havia algo* naquele estranho professor que ficava sentado pelos cantos baforando e murmurando imprecções e desígnios pítios.

Há também o caso trágico de poetas que não foram considerados *úteis* o *suficiente* e que, portanto, não passavam de parasitas da pátria. O exemplo mais famoso é o do escritor russo Joseph Brodsky. Em 1963, um ainda jovem Brodsky foi levado ao tribunal para prestar alguns esclarecimentos sobre as suas *estranhas atividades*. Abaixo, transcrevo um pequeno trecho do delirante interrogatório ⁵:

Juiz: De modo geral, qual é a sua especialidade?

Brodsky: Eu sou poeta. Poeta-tradutor.

J.: Quem decidiu que o senhor era poeta? Quem o classificou entre os poetas?

B.: Ninguém. (Sem qualquer desafio) E quem me classificou no gênero humano?

J.: E o senhor estudou com tal objetivo?

B.: Qual objetivo?

J.: De se tornar poeta. Não tentou fazer os estudos superiores para se preparar... para aprender...

⁵ A tradução completa, realizada pelo poeta Guilherme Gontijo Flores, pode ser acessada em: <https://escamandro.wordpress.com/2015/01/16/o-julgamento-de-brodsky-melhores-momentos/>

B.: *Eu não pensava que seria possível aprender isso.*

J.: *Como se tornar poeta, então?*

B.: *Penso que... (Desconcertado) ... é um dom de Deus...*

Quando o público evacuava a sala, nós percebemos uma multidão, sobretudo jovens, nos corredores e escadas.

J.: *Quanta gente! Não imaginei que haveria tamanho agrupamento.*

Alguém na multidão: Não é todo dia que se julga um poeta.

E o que poderia dizer Brodsky diante de perguntas tão disparatadas? Objetivos, metas, como aprendeu? A oficina também tem os seus censores de prontidão.

Antônio Brasileiro, pintor e ensaísta, escreveu um pequeno livro dedicado a vasculhar a utilidade, ou inutilidade, última da poesia. Segundo ele, a investigação sobre as razões dos poetas encontra uma boa resposta no trabalho lírico e aforístico de Valéry. Sentenciando o poema como *festa do intelecto*, Paul Valéry, mesmo tendo sido discípulo de Mallarmé, reagirá contra as tendências mistificadoras e anunciará uma arte lírica intencional, medida e protegida contra a *humilhação das musas*. No entanto, as propostas valeryanas de intenção e trabalho estão muito distantes daquelas do operário. Para ele, a produção, o exercício e a investigação rigorosa são, em si, os fins do poema e as razões substanciais de seus executores:

Mais uma vez confesso que o trabalho me interessa infinitamente mais que o produto do trabalho. Não amo senão o trabalho do trabalho: os começos me entendiam e suspeito ser perfectível tudo aquilo que chega de uma vez.

6

Buscar, então, a motivação dos poetas em algo além da própria atividade de escrever é criar uma ontologia desnecessária? É edulcorar uma tarefa rigorosa que presenteia a observação de suas regras e engenhos? Fatalmente, o labor pelo labor desagua no discurso de Celan, em um momento de hesitação sobre o papel salvífico de sua arte, ao receber o prêmio George Büchner: *a poesia, senhoras e senhores, esse discurso infinito, feito de pura mortalidade e inútil...*

⁶ VALÉRY apud BRASILEIRO, Antônio. *Da Inutilidade da Poesia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 59.

Mas se é apenas pela tautologia existencial e extensão de seus próprios domínios cognitivos, há ainda uma esperança de salvação - intelectual, anímica ou mental - pelo poema? Matilde Campilho anuncia que a poesia não salva o mundo, mas salva o minuto, e isto, segundo ela, já é o suficiente.

Sendo este um exercício antes interrogativo do que peremptório, poderíamos estender a pergunta norteadora aos poetas mágicos, loucos, divinos, possuídos, incompreendidos, solitários ou engajados. Que fazem em um mundo nas raias da tecnocracia absoluta? Em quais poderes confiam para continuar a construir mundos e linguagens? Por que não desistem, de uma vez por todas, de seu ofício ou arte taciturna?

A sentença de Antônio Pina desembola, de maneira pouca esperançosa, a linha que iniciamos:

A Poesia Vai Acabar

*A poesia vai acabar, os poetas
vão ser colocados em lugares mais úteis.
Por exemplo, observadores de pássaros
(enquanto os pássaros não
acabarem). Esta certeza tive-a hoje ao
entrar numa repartição pública.
Um senhor míope atendia devagar
ao balcão; eu perguntei: «Que fez algum
poeta por este senhor?» E a pergunta
afligiu-me tanto por dentro e por
fora da cabeça que tive que voltar a ler
toda a poesia desde o princípio do mundo.
Uma pergunta numa cabeça.
— Como uma coroa de espinhos:
estão todos a ver onde o autor quer chegar? —⁷*

⁷ PINA, Manuel António em "Ainda não é o Fim nem o Princípio do Mundo. Calma, é apenas um pouco tarde". Disponível em: <http://www.museudaimprensa.pt/biografiamedia/manuelantoniopina/opoeta/poemas.pdf> Acesso em 11 nov 2018.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Antônio. *Da Inutilidade da Poesia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

RIMBAUD, Arthur. *Prosa poética*. Tradução: Ivo Barroso. 2ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.